

A EXPANSÃO DA FRONTEIRA NO CAFÉ NO BRASIL E A CHEGADA NO CAFÉ NAS ÁREAS FLORESTADAS DO BRASIL CENTRAL

Maria Eduarda Fernandes Santos ¹
Lucas Figueiredo Ribeiro ²
Rodrigo Fernandes de Souza ³
Sandro Dutra e Silva ⁴

Introdução

O processo histórico de expansão da fronteira agrícola no Brasil foi marcado por drásticas perturbações no ambiente natural, com transformações profundas nas paisagens. O caso mais analisado pela historiografia ambiental brasileira foi sem dúvida a devastação da Mata Atlântica (CABRAL, 2014; DEAN, 1996; DRUMMOND, 1997; PÁDUA, 2004; NODARI, 2012). As razões do pioneirismo dos estudos relacionais à Mata Atlântica são evidentes, considerando que este foi o lugar do encontro privilegiado entre o colonizador e o mundo natural no Brasil. Ao mesmo tempo em que esse tema se mostrou pioneiro para a historiografia brasileira, ele apresenta, também, as condições teórico-metodológicas fundamentais para os demais estudos relacionados à expansão da fronteira agrícola para outros ecossistemas brasileiros. Nosso interesse particular é entender as mudanças históricas nas paisagens em relação às áreas florestadas do Cerrado brasileiro.

Uma história ambiental do Cerrado deve considerar essa complexa interação entre sociedade e natureza na expansão demográfica do colonizador e nas formas de apropriação dos diferentes recursos naturais que constituíram a própria construção e delimitação desse ambiente (DUTRA E SILVA et al., 2017; DUTRA E SILVA, 2020).

O processo histórico de ocupação agrícola no Cerrado esteve associado à expansão da agricultura baseada na procura por áreas de florestas tropicais e os solos férteis a elas associados, descrito pelos importantes trabalhos de geografia histórica

¹ Graduada em Agronomia, Faculdade Evangélica de Goianésia, E-mail: mariaeduardafsanos18@gmail.com

² Engenheiro Mecânico, Mestrando em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, UniEvangélica, E-mail: lucfigrib@gmail.com

³ Pós-Graduando Programa de Pós Graduação Recursos Naturais do Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, E-mail: rodrigofunb@gmail.com

⁴ Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Ação, UniEvangélica, E-mail: sandrodutra@unievangelica.edu.br

como “matas de primeira e segunda classe” (WAIBEL, 1947, 1948; JAMES, 1953; DUTRA E SILVA, 2017). Esses processos adotaram o padrão de expansão da agricultura baseada no corte e queima das matas, amplamente abordados nos estudos de desflorestamento da Mata Atlântica (DEAN, 1996). Esse exemplo histórico foi muito enfatizado por Kohlhepp (2014) em seu estudo sobre os tipos de colonização agrária, privadas e estatais, dirigida para as áreas de floresta tropical no Brasil. Ou seja, privilegiando a ocupação e desmatamento das matas de primeira e segunda classe para a modelo de expansão agrícola, sobretudo relacionados à expansão da agricultura cafeeira. No Brasil Central esse padrão funcionou até a década de 1950, sobretudo na ocupação das áreas florestadas do Mato Grosso de Goiás (DUTRA e SILVA, 2017; FAISSOL, 1952; JAMES, 1953).

Nosso argumento é que a fronteira do café no Brasil Central foi responsável pela ocupação agrária e o consequente desmatamento das florestas tropicais em Goiás, com destaque para as zonas florestadas das Matas de São Patrício. De acordo com Ormond et al, (1999) o café foi introduzido no Brasil em 1727 por Francisco Mello Palheta trazido de sua visita à Guiana Francesa. O cultivo foi um sucesso e disseminou rapidamente pelo país. Até 1860, o sul do Rio de Janeiro manteve a hegemonia da economia cafeeira, seguido de São Paulo e Minas Gerais.

Além da transformação das paisagens, a cultura do café no Brasil e em outras regiões foi responsável para proliferação de agentes patogênicos. Para **Stuart McCook (ANO)**, durante os séculos XIX e XX, a criação de um mercado global de café, transformou ecossistemas, especialmente com a circulação de pessoas (plantadores de café, agrônomos, trabalhadores), de plantas (novas variedades e espécies de café em circulação), novas ideias e técnicas (monoculturas, sombreamento, insumos químicos) e de agentes patogênicos (doenças e pragas)

No Brasil, o cultivo do café arábica se desenvolveu nas regiões onde não ocorre deficiência hídrica nos períodos críticos da cultura. Porém, com a expansão da agricultura em áreas de solos de Cerrado, associadas à irrigação, este cultivo tem se estendido para outras áreas, tais como o Triângulo Mineiro, Oeste da Bahia, Goiás e outras regiões que apresentam condições similares (SANTINATO et al. 2008).

A ocupação do Cerrado brasileiro decorreu de processos históricos distintos, sobretudo marcados por diferentes fronteiras de ocupação (DUTRA e SILVA, 2017).

Dutra e Silva (2017) procura associar a ocupação demográfica do Brasil Central a partir da análise da categoria da fronteira, que marca estágios e processos distintos de ocupação, relacionando a existência de determinado recurso natural (HENNESSY, 1978). Foram fronteiras relacionadas à mineração, ao gado e à agricultura, com destaque para determinados tipos de culturas como o arroz, o milho, o café e mais recentemente a soja (ARTIGOS 2022).

A fronteira do café, em particular esteve associada a abundância de áreas de floresta tropical, com destaque para o que os pioneiros denominavam de matas de primeira classe (JAMES, 1953; FAISSOL, 1952). Os estudos realizados pelo geógrafo francês Pierre Monbeig (1998) nos ajudam a compreender o avanço da fronteira do café sobre em direção ao oeste, no qual o espaço natural, dominado pelas florestas tropicais, era transformado para ação de pioneiros e fazendeiros. Pesquisas como as de Monbeig contribuem para o entendimento do avanço da fronteira em direção ao interior do país. Nosso estudo procura se inserir nesse contexto histórico da fronteira do café. Não apenas o café, mas até a década de 1960 a expansão da fronteira agrícola buscava as matas de primeira e segunda classe, com solos apropriados para o cultivo agrícola segundo um modelo de derrubadas de florestas tropicais (DEAN, 1996).

Entre as décadas de 1940 e 1950, o governo brasileiro procurou favorecer a ocupação de áreas de fronteira por meio da colonização agrícola (DUTRA E SIVLA, 2017). O modelo era o de concessão de lotes agrários para a instalação de comunidades por meio da colonização agrícola. Com as Colônias pretendia-se resolver dois estrangulamentos básicos: alocar mão-de-obra liberada pela decadência da cafeicultura e criar para esta uma frente agrícola comercial interna (BERTRAN, 1988). Neste contexto, a região das Matas de São Patrício são fundamentais no estudo e entendimento do cultivo de café em áreas de floresta tropical no território que hoje denomina-se bioma Cerrado em Goiás. Nossa ênfase são as áreas de floresta tropical que compunham o que era denominado de Matas de São Patrício, na região central de Goiás, na região de influência da bacia do rio das Almas.

Os objetivos desse trabalho são: a) Investigar a relação entre a expansão da fronteira do café e as mudanças nas paisagens e os processos históricos de ocupação do território na primeira metade do século XX; b) identificar os principais registros da

produção de café nas Matas de São Patrício, motivados pelas políticas de colonização promovidos pela Marcha para o Oeste e seus efeitos no desmatamento do Mato Grosso de Goiás;

Metodologia

Nossa pesquisa se fundamentou na coleta de dados documentais em fontes primárias, tendo com referência os arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por meio da plataforma Hemeroteca Digital, que disponibiliza documentos e periódicos históricos digitalizados para a consulta. Os dados coletados nas fontes primárias nos ajudam a compreender como a temática do café era tratada no período da primeira metade do século XX. Essas informações nos ajudam a compreender o fenômeno da fronteira do café e os demais temas a ela associados. A coleta e análise de fontes documentais e outros registros, nos auxiliaram na criação de um banco de dados de arquivos documentais que serão utilizados, posteriormente, na análise e na construção dos argumentos para os objetivos proposto. No entanto, nessa fase do projeto, nos concentramos em coletar documentação, a partir da consulta e seleção dos documentos apropriados para futuras análise históricas da pesquisa. As fontes documentais coletadas para essa etapa da pesquisa foram:

a) Revistas e outros veículos culturas da época que apresentavam os indícios de uma construção simbólica do Oeste como as revistas Informação Goiana (1917-1935), Revista Oeste (1942-1945), Revista Cultura Política (1941-1945);

b) A literatura regional de Goiás, por meio das narrativas que apresentem as características da vida na fronteira. Autores como Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Elis, que utilizaram essa temática em suas narrativas, mas que também vivenciaram os processos de transformações históricas, mas, sobretudo, narram a relação entre a sociedade goiana e a natureza em seus textos.

c) Os jornais da época como O Anápolis, Correio Oficial, dentre outros que utilizavam a retórica da Marcha para Oeste nas descrições das notícias e do cotidiano da vida na fronteira;

e) Documentação oficial disponibilizada sobre dados e relatórios sobre a expansão da fronteira agrícola em Goiás como relatórios do governo federal e

estadual, documentação do Ministério da Agricultura sobre a colonização agrícola em Goiás, dentre outras.

f) Relatos de viajantes, naturalista, cientistas, dentre outros, que procederam a visitas ao território goiano no período analisado. Destacamos os trabalhos realizados pelo IBGE, por meio do Conselho Nacional de Geografia, que deixaram registros valiosos sobre a expansão agrícola, demográfica, tecnológica, dentre outras sobre a região do Mato Grosso de Goiás. Dentre esses registros existem estudos feitos e artigos publicados, bem como rico material cartográfico e iconográfico.

g) Documentos produzidos pela Embrapa Cerrados, sobretudo nos arquivos do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC) localizado em Planaltina, no Distrito Federal. Além dessa documentação disponível na Embrapa, importante destacar o material produzido pelo Grupo de Inteligência Territorial Estratégica (GITE), que foi criado pela Diretoria da Embrapa por meio da portaria Nº 1801/2013. Os arquivos do GITE disponibilizam documentação relacionada ao uso do solo, espaço territorial e diferentes dados da produção agrícola no MATOPIBA.

Resultados Parciais

Nessa etapa da pesquisa nos concentramos especialmente nos arquivos da Fundação Biblioteca Nacional, a partir da plataforma Hemeroteca Digital Brasileira. O período de coleta de documentação em fonte primária foi entre as décadas de 1920 a 2000. A palavra-chave utilizada para a pesquisa foi “café”, no qual procuramos destacar a produção agrícola dessa cultura no estado de Goiás.

Por meio da Hemeroteca Digital pudemos ter acesso a um vasto portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta ao acervo da Biblioteca Nacional, como jornais, revistas, anuários, boletins, e publicações seriadas, dentre outras. Assim, existe a possibilidade de acesso livre a jornais publicados desde o século XIX no Brasil, inclusive a periódicos já extintos. A plataforma disponibiliza, ainda, publicações mais antigas e mesmo raras do século XIX, além de relatórios de províncias, e os primeiros jornais do Império. Também existem publicações de fontes e outros documentos do século XX, além de periódicos de instituições científicas e sociedades culturais brasileiras.

A pesquisa pode ser realizada por título, período, edição, local de publicação e palavra(s). A busca por palavras é possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR), que proporciona aos pesquisadores maior alcance na pesquisa textual em periódicos. Para essa pesquisa, em especial foram consultados os seguintes periódicos, utilizando como referência a palavra-chave “café”:

- a) A informação goiana (1917-1935),
- b) Relatórios dos presidentes dos Estados Brasileiros (1891-1929)
- c) Voz do povo (1927-1934)
- d) Cidade de Goiás (1940-1960)
- e) Os Araguatins (1946)
- f) Jornal do Tocantins (1979-1987)
- g) Nossa Folha – Órgão cultural e noticioso (1930-1939)
- h) Revista de educação (1930-1939)
- i) O Abadiense (1930-1939)
- j) Jornal de notícias (1950-1959)
- k) O estado de Goiás (1950-1959)
- l) Cidade de Goiás (1950-1959)
- m) Jornal Oió (1950-1959)

As seleções das matérias e conteúdos selecionados privilegiaram questões relacionadas à temas como doações de terra para cultivo do grão em Goiás, produção, exportação e melhorias para expansão da área. Do amplo espectro de ocorrências, a pesquisa privilegiou a coleta e o registro de 118 ocorrências, no qual destacamos algumas delas (figuras 1, 2 e 3) extraídas do periódico A Informação Goyana, entre os anos de 1922 e 1923.

Figura 1. Goyaz na exposição do centenário. A Informação Goyana, 1922.

Uma revelação feita pelo Estado de Goyaz e que mais tarde deslocará o eixo da produção do Brasil é a cultura do café.

Até o presente é o Estado de S. Paulo que sustenta a primazia da produção do café do Brasil, sendo seguido pelos de Minas, Bahia e Espírito Santo; a Goyaz, porém, está reservado papel importantíssimo na economia nacional como produtor da preciosa rubiacea, pois a sua área onde pôde ser feita cultura do café é superior à de S. Paulo e os seus terrenos fertilíssimos e descansados; em pouco tempo poderão supplantar às afamadas terras róxas paulistas. Enquanto nas afamadas terras do oeste de S. Paulo se julga a produção de 150 a 200 arrobas por mil pés, uma coisa assombrosa, nas culturas actualmente existentes em alguns municípios de Goyaz essa quantia é commum e mil pés de café em uma época normal dão de rendimento de 250 a 300 arrobas, não sendo raros os cafeeiros que dão meia arroba de carga em uma colheita.

O município de Anápolis possui actualmente cerca de 4 milhões de cafeeiros em fructificação; os municípios de Bomfim, Santa Cruz, Pyrenópolis, Corumbá, Currealinho e outros, augmentam os seus plantios constantemente e cremos não ser exaggerados avaliando em 10 milhões o numero de cafeeiros existentes no Estado de Goyaz.

Desse longinquo e despresado Estado sahiram até Julho do corrente anno cerca de 500 mil kilos de café que naturalmente perderam a naturalidade atravessando o rio Paranahyba. Tempo virá em que quanto as terras cançadas de S. Paulo não poderem mais alimentar os milhões de cafeeiros, a não ser por meio de dispendiosas adubações, em que portanto os milhões de saccas sahidas de Santos não attingirem á cifra desejada pela exigencia dos compradores, a Goyaz é que recorrerão para supprir esse "deficit", reconhecendo então que o despresado Estado

Fonte - A Informação Goyana, Anno VI, Rio de Janeiro, outubro de 1922, Vol. VI, n. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em

<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=176648&pesq=caf%C3%A9&pasta=ano%201922&hf=memoria.bn.br&pagfis=1424>

Figura 2. Estrada de Ferro. A Informação Goyana, 1923.

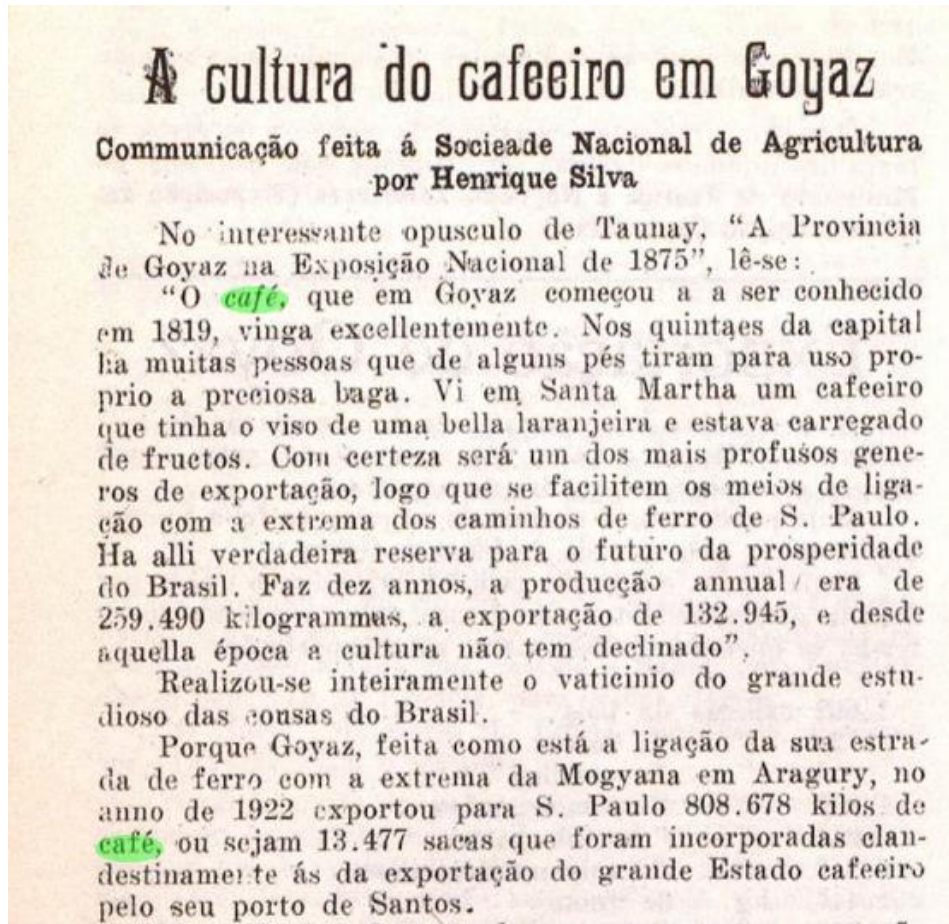
Anápolis, já hoje, é considerada á Ribeirão Preto de Goiaz, pela especialidade de suas terras para a cultura da valiosa rubiacea. De 1.000.000 de kilos de café que exportamos em 1922, pode se dizer que dous terços foram exportados por aquelle municipio.

Nem a centesima parte de suas terras, está cultivada, havendo ainda quantidade de terras devolutas do Estado, que diariamente se estão vendendo pelo irrisorio preço de dous mil reis o hectare.

A quantos milhões de kilos de café chegará a exportação de Anápolis, quando o silvo da locomotiva despertar os seus habitantes ?

Fonte: A Informação Goyana, Anno VII, Rio de Janeiro, março de 1923, Vol. VII, n. 8. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em [A Informação Goyana \(GO\) - 1917 a 1935 - DocReader Web \(bn.br\)](#)

Figura 3. A cultura do cafeeiro em Goyaz. A Informação goiana, 1923.



Fonte: Fonte: A Informação Goyana, Anno VII, Rio de Janeiro, setembro de 1923, Vol. VII, n. 2. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em [A Informação Goyana \(GO\) - 1917 a 1935 - DocReader Web \(bn.br\)](#)

Ainda com resultado dessa pesquisa fizemos também uma pesquisa em fonte secundária, buscando compreender o contexto histórico da produção de café no Brasil. Para isso foi feita uma leitura e fichamento da obra "A Historia do Café" (MARTINS, 2012), no qual a autora faz uma abordagem cheia de detalhes sobre a história desse grão, seu cultivo e trajetória até chegar nos tempos atuais.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Iniciação Científica.

Referências Bibliográficas:

BERTRAN, P. Uma Introdução à História econômica do Centro-Oeste do Brasil. Brasília: CODEPLAN, Goiás: UCG, 1988.

CABRAL, Diogo de Carvalho. Na presença da floresta: Mata Atlântica e história colonial. Rio de Janeiro: Garamond. 2014.

DEAN, Warren, 1996. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Ed. Companhia das Letras, São Paulo (Brasil)

DRUMMOND, Jose Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricas. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991, p. 177-197.

DUTRA E SILVA, Sandro. No Oeste, a terra e o céu: a expansão da fronteira agrícola no Brasil Central. Ed. Mauad X, Rio de Janeiro (Brazil) 2017.

FAISSOL, Speridião. O “Mato Grosso de Goiás”. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística, 1952.

JAMES, Preston. Trends in Brazilian Agricultural Development. Geographical Re-view, v. 3, n.43, 1953, p. 301-328.

KOHLHEPP, Gerd. Colonização agrária no Norte do Paraná: processos geoeconômicos de desenvolvimento de uma zona pioneira subtropical do Brasil sob a influência da plantação de café. Maringá: EDUEM, 2014.

MARTINS, A.L. A história do café. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MONBEIG, P. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Polis, 1998. 392 p.

NODARI, Eunice Sueli. “Mata Branca: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem no Estado de Santa Catarina”. In História Ambiental e migrações. Org.: Eunice Sueli Nodari, João Klug. São Leopoldo: Oikos. 2012.

ORMOND, J.G.P; Paula, S.R.L; Faveret F^o, P. 1999 – Café: (Re)Conquista dos Mercados. Rio de Janeiro, BNEDES, BNDES Setorial, n.10, 3-56.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. Estud. av., 2010, vol.24, no.68, p.81-101. ISSN 0103-4014.

SANTINATO, R. et al. Competição de variedades comerciais de café de porte alto e baixo e resistentes ou não a ferrugem em condição de irrigação sob pivot central no oeste da Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISAS CAFEEIRAS, 28., Caxambu, 2002. Resumos... Caxambu: MAPA/Procafé, 2002. p. 467

WAIBEL, Leo. Uma viagem de reconhecimento ao sul de Goiás. Revista Brasileira de Geografia, v. 9, n. 3, 1947, p. 313-342.